





UMIT

Salamanca, 2019



UMIT

Luis Borja

*VI Prêmio Internacional de Poesia  
Pilar Fernández Labrador - Salamanca*

Preâmbulo de *Álvaro Alves de Faria*

Tradução de *Leonam Cunha*



Centro de Estudios Ibéricos  
y Americanos de Salamanca  
«Federico de Onís—Miguel Torga»

**“COLECCIÓN SALAMANCA”**  
**POESÍA Y ENSAYO LITERARIO**  
**(BIBLIOTECA GASTÓN BAQUERO)**  
**60**

© Luis Borja

© Centro de Estudios Ibéricos  
y Americanos de Salamanca (España)  
Salamanca (España)

Depósito Legal: S. 291-2019

ISBN: 978-84-95850-80-5

Tradução: *Leonam Cunha*

Preâmbulo: *Álvaro Alves de Faria*

Pintura da capa: *Luis Cabrera*

Projeto Gráfico: *Florencia Zabala*

Impresso na Espanha - Printed in Spain - 2019



## **VI PRÊMIO INTERNACIONAL DE POESIA “PILAR FERNÁNDEZ LABRADOR”**

Um júri, integrado por António Salvado, Carmen Ruiz Barrionuevo, Jesús Fonseca, Alfredo Pérez Alencart, Carlos Aganzo, José María Muñoz Quirós, Julián Barrera Prieto e Inmaculada Guadalupe Salas, concedeu este prêmio em Salamanca, em 12 de abril de 2019, ao poeta Luis Borja por seu livro “UMIT”, um dos quinze trabalhos selecionados como finalistas, dos oitocentos e dez inscritos de todos os países ibero-americanos: Espanha, Portugal, entre outros. O prêmio, concedido anualmente, é convocado pela Associação de Mulheres em Igualdade, com a colaboração da Sociedade de Estudos Literários e Humanísticos de Salamanca (Selih) e Deputação Provincial de Salamanca. Victoria Pérez Castrillo foi a secretaria do júri.





## Índice Geral

Preâmbulo .....	11
SE [I] .....	23
UME [II].....	24
YEY[III] .....	25
NAHUI [IV] .....	27
MAKUIL [V] .....	29
CHIKUASEN [VI] .....	30
CHIKUME [ VII] .....	32
CHIKUEY [VIII] .....	33
CHIKNAWI [IX].....	34
MAJTAKTI [X].....	36
MAJTAKTI SE [ XI].....	37
MAJTAKTI UME [XII] .....	38
MAJTAKTI YEY [XIII].....	41



## Preâmbulo

### POESIA E SOMBRAS

A paisagem é de sombras. Um mundo guardado na memória, com pedaços de sonhos, de anseios, de luta e desespero. E de injustiças. Uma imensa paisagem de sombras que ainda se movem tanto tempo depois da morte. Os massacres ficam para sempre. Passam a fazer parte da história. A história deveria ser escrita pelos derrotados, não pelos vitoriosos.

Um enorme ferimento habita este livro que percorre os caminhos ainda manchados de um sangue que escorreu nos golpes dos mais forte. Ao fundo, não apenas a poesia amarga de um tempo de dor. Não. Ao fundo, um janeiro escuro em que as horas escorreram por faces que caíram e desapareceram do cenário angustiante de um massacre que percorreu as planícies com seu gosto na boca.

O poeta salvadorenho Luís Borja percorre essa paisagem com sua palavra poética porque sempre restará à poesia mergulhar em todos os infinitos da vida para dizer. Por esse motivo, além da poesia, este livro é também um documento doloroso de um tempo que marcou para sempre a história de sua pátria.

É verdade que tudo começa amando-se a madrugada, o canto dos galos que procuram seu nome de lua, como dizem os dois primeiros versos deste livro traduzido para o português pelo poeta brasileiro Leonan Cunha, mostrando essa poesia que percorre as páginas nos cortes de um tempo que não se apaga nunca. O poeta salvadorenho escreveu, ainda nesse primeiro poema, um verso que

sinaliza esse tempo de atrocidades em que entrará para viver uma angústia que não tem medida.

*“Eu lembro dos nomes da terra: pai e mãe amarrados pelos ossos  
lembro-me dessa terra desolada em que despencam os nomes do sangue”.*

E o pai responde, já no poema seguinte:

*“Eu sou o pai daquele que fala.  
Hoje me arrancaram da terra com as unhas ensanguentadas de nada”.*

A poesia não pode fugir do seu destino. Não fugirá nunca. Sempre estará atenta a tudo que a cerca e caberá ao poeta, como neste caso, arrancar as palavras do chão para que o poema possa existir consistente e revelador. O que se busca é a voz de um povo que sucumbiu à barbárie dos fortes, dos que detém o poder e julgam o mais fraco com a brutalidade que marca a cicatriz para sempre.

*“Eu sou o pai daquele que fala e não podem arrancar a terra de mim  
porque a tenho incrustada em cada ferida do meu rosto”.*

Fica esse retrato invisível a percorrer os campos, entre os feridos pela vida e os que se perderam para sempre. A esses, resta a canção dos mortos perdidos porque – diz o poeta no seu poema arrancado do fundo de sua existência – é preciso morrer cantando para que tudo se lembre. Nada deve ser esquecido. Nada pode ser esquecido. Não se pode ter medo da morte, em nome da própria vida. Por isso, o canto, para que sempre se possa lembrar da ternura. Está na ternura essa dor que vai além da dor e da morte, além do aniquilamento de tantos, os acenos arrancados das mãos e os rumos tirados dos pés que não caminham mais.

Os poemas de Luís Borja rasgam o tempo como se rasga um pano para cobrir os ferimentos. Rasgam a história a contar os dias e o tempo em que tudo se desfez. Certamente os sonhos sempre serão proibidos, como a mordaza que fecha a boca num nó que

não desata. Mas é possível, ainda, pensar na palavra e na poesia como possibilidade de viver:

*“Meus cantos contém todos os murmúrios dos pássaros  
com eles vou agasalhando o sonho de todos os meninos”.*

E nesses passos atravessando os anos, os longos anos da história dentro da terra, voltando a esse passado de tudo desfeito, nos apelos da angústia, na impotência da defesa, na voz que se cala, no silêncio que sufoca a palavra, o poeta dá voz à imagem da morte que se sobrepõe ao que não tem chance de almejar a vida:

*“Apenas caímos  
Apenas caímos  
Apenas caímos  
Até que tudo se transforme em silêncio”.*

Essa é a história que percorre o tempo. E some-se a essa violência, a ausência de tudo, do que foi arrancado à força e levou a vida junto, para que nada restasse, nem a semente, nem a terra, nem as árvores, as folhas das árvores, as flores das árvores, as raízes das árvores. Assim, todos os nomes saem da memória. Como o homem que soletrou no poema, entregando-se a uma sina perversa. Por isso tudo, este livro-documento-poético tem mesmo de seguir essa amargura inevitável, porque é feito dessa dor que dói sempre, sempre, sempre, sempre. A história é assim. Mas a história não pode ser assim. A história é escrita pelo homem, pelo povo, esse que está sempre à margem: “Resistimos para calar-nos 35 mil vezes sobre esta terra que nos abriga”, diz o poema do homem. E será preciso repetir esse verso mais 35 mil vezes sem calar a palavra e sem esconder o fio de sangue que escorre pela boca.

A história se faz aos poucos, até o baque final, até o murmúrio final, o suspiro final, o final do final. A história se faz aos poucos, passo a passo, letra a letra, morte a morte, medo a medo, toda a

angústia que escreve essa própria história que guarda as vidas que se perderam:

*“E ninguém entende a geografia do sangue  
Ninguém entende o calvário dos ossos  
Ninguém entende a língua dos pais  
Ninguém entende o sussurro da pedra  
Ninguém entende o canto dos pássaros  
E nós, gente de olbos d’água,  
Gente de osso fendido na memória  
Reinventamos a história da morte/.../”*

Este é um livro que dói, o que demonstra a força de sua poesia, uma poesia ligada à vida do homem, como deve ser. A poesia sempre será resistência. Sempre será essa palavra que corta a linha autoritária. Sempre deixará a réstia de luz entre as sombras. Num dos poemas deste livro, o poeta Luís Borja faz uma confissão dolorosa e nobre, um grito tirado de dentro de si, que não adormece nunca:

*“Eu reuni o sangue em minhas mãos para delinear o mapa da minha terra  
compus com todos os meus ossos a memória de um país cujo desenho se desfaz”.*

O poeta e a poesia caminham sempre pisando reminiscências, ossos ainda vivos entre as raízes cobertas pela terra. Chegam ao lugar onde a língua é uma sombra imensa, onde a palavra justiça não chega. A palavra justiça não chega nunca. É assim. A composição dos poemas de Borja é feita de versos longos que se misturam a uma prosa poética profunda e transcorre como uma carta que escreve a alguém, uma carta que, no fundo, é um grito que não pode ser medido apenas nos versos de um poema. Esses versos de tantas sílabas têm mesmo a intenção de se intensificar no que tem a dizer, não importando se poema ou prosa, se prosa ou poema, se romance ou novela. Vale simplesmente e tão somente a

palavra que se faz, que se constrói, que se mostra num retrato com figuras que só vivem na memória, mas nunca no esquecimento, porque estão vivas e fazem da narrativa deste livro um soluço profundo em busca da justiça a ser feita, não importa o tempo.

Há protagonistas invisíveis caminhando aqui, como sombras manchadas de sangue e essas sombras e esse sangue estão presentes em todas as páginas e em todas as palavras, basta saber sentir. E ao dizer que “não podem arrancar a terra de mim”, esse protagonista do poema também exclama:

*“...porque a terra é a carne  
porque a terra é o osso  
porque a terra é o punho  
porque a terra é o sangue  
porque eu sou a terra”.*

O livro é sombrio porque a poesia é sombria quando precisa ser, para explicar melhor os destinos do homem diante e dentro da vida, especialmente quando essa vida se perde no corte violento da morte que ceifa tudo ao seu redor. O poeta Luís Borja sabe disso e, assim, percorreu todo esse caminho em busca de seu povo antepassado que teve as mãos cortadas e a palavra amordaçada na boca para que não se ouvissem os gritos que se ouvem agora nesta leitura em que o poeta mergulha em si mesmo e na história de seu país, em busca dos vestígios da barbárie:

*“Em meu canto há o gesto e o tempo  
A história de meus mortos furtivos  
Juntinbos todos, osso a osso, para se darem calor  
Para não esquecerem as palpitações dos anos”.*

Esses quatro versos representam o despojamento de um poeta conhecedor de sua palavra e do que tem de dizer. Sempre será preciso dizer. Sempre será preciso viver a palavra, mesmo

no silêncio do tempo todo que se alonga. Não deixar que o esquecimento encubra tudo. Não. O esquecimento é para lembrar sempre. As manchas de sangue estão nas mãos decepadas.

Nesta viagem ao passado, as fotografias tornam-se mais nítidas na palavra do poeta. Neste caso é a poesia como missão de buscar no fundo da vida essas mesmas sombras que habitam os lugares e não se apagam. Não podem se apagar. Neles estão as palavras da memória que necessitam renascer da escuridão. Assim, o poeta abre essa memória que o faz dessangrar e escrever numa linguagem comovente:

*“Que nosso sangue vá em nome de todos os males  
que nosso sangue carne vá em nome de toda a terra  
que o coração cheio de saliva também vá  
que já não caiba o medo oco das mãos”.*

O medo oco das mãos, imagem poética que explica tudo, por ser um momento de súplica, talvez clemência, talvez desespero, talvez desesperança. Assim, o poeta aproximou-se do sangue, como se de um abismo cada vez mais prolongado junto aos seus pés:

*“Ofere dei meus ossos à toda memória  
Porque era isso: memória e golpe  
Eu era então o espelho desmemoriado do injusto  
Por isso em minhas mãos estavam os golpes de todos os anos  
Por isso golpeei como se golpeia a história  
Por isso gritei com meu coração inebriado/.../”*

Nesses caminhos da memória vive um homem de chapéu que fala “a língua das balas”, bem diferente da que falam os outros, uma linguagem árida, da ferida. Há muitos homens de chapéu em cada passagem desta obra poética que representa, também, um resgate. E a língua desse homem revela uma fotografia cruel cada vez mais acesa, que queima e vai queimar sempre:



*“Nós vemos o homem e vemos que suas mãos tecem com linhas vermelhas os  
nossos passos*

*Diz que são passos de pedra e soco*

*Ele nos fala das marteladas sobre nossas mãos*

*Diz que nossas mãos estão sangrando por causa da tempestade dos anos*

*Fala muito e pausadamente*

*Diz que também sente as palpitações da terra*

*Que chora ao nosso lado a lonjura do sangue/.../”*

A poesia ainda possível procura falar com o homem, porque é para o homem que a poesia deve ser escrita, falada, pensada. É para o homem que se faz o canto nem sempre possível de cantar. É para o homem que existe o aceno invisível de todos os instantes possíveis de viver. Essa poesia amarga também indaga na sua busca de respostas escondidas nas bocas e nos livros com suas histórias oficiais. Mas a história da realidade é outra e é essa que deve ser ouvida, que deve ser falada. A poesia indaga diante de um quadro de impotência que marca e cicatriza:

*“De quem é essa mão que se fratura?*

*De quem é esse pé submerso no lodo?*

*Quem é o morto que em sonho vejo pendurado numa árvore?*

*Manteremos as mãos empunhadas?”*

As perguntas ficam guardadas no pensamento que não para. A poesia não para. Não para o poema, nem para a palavra. Será preciso caminhar sempre entre as sombras que habitam esse mundo. Um deserto de movimento que paralisa o tempo. Como o punhal que se enfia no peito e põe fim a tudo. Mas será sempre necessário recomeçar a nova história de um novo tempo, rasgando as bandeiras que nada dizem, as que enfeitam as ruas e as escolas do homem à margem, distante da própria vida, observando com olhos mortos as sinas que não se cumprem.

*“Nós agora falamos  
Somos o sangue  
Somos o osso  
Somos os cadáveres  
Somos a memória  
Somos a terra  
Somos a carne/.../”*

Não se apaga essa história, nem a ferida dessa história. Isso tudo vive e faz parte até da vida que não existe, na desigualdade, nessa luta de todos os dias em busca do que se tem por direito e justiça. Não se apaga essa história e sua ferida sempre aberta. Não se apaga a lágrima que corta o rosto como uma faca afiada. As canções do sangue sempre estarão presentes. Sempre serão cantadas em algum lugar. E sempre haverá —como diz o poeta— um espírito que nos animará contra a morte. Sempre.

**Álvaro Alves de Faria**  
*Jornalista, poeta e escritor*  
*São Paulo - Brasil*

Para Ernestina Alfaro (*Mama Tina*)  
Gertrudis Alfaro (*Mama Tula*)  
Amparo Alfaro Vda. de Borja (*Mami Amparo*)

Pelo sangue,  
Pela resistência.

\*Quaisquer observações do tradutor estão identificadas com (N. do T.).

*“Ini umit, pal sej-se, ini nemi pal wits achtu, ni tik-mij-ti-k-tuk achtu, —Kiuni axta kan tiu-ti-tami, tikin-etsa muchi nin tunal ni nu-pilawan!”*

“Isto é um osso. Progressivamente te darei um a um. Por ora este é o que vem primeiro. É o que primeiro mataste. Igualmente terás que terminar teu trabalho, restituindo todas as almas dos meus filhos”

---

*Kwakuni k-ida-k, ka ne chulet yaja ne kuwat, wan k-ili-k: “ti-mets-ma(k)-t sejse umit-chichin wan sejse i-y-uxmi-iu muchi tey ne weli-t patani-t”*

Também compreendeu que o ancião era a mesma serpente. E somou. “Nós te daremos todos os ossinhos e todas as penas dos animais que voam”

---

*Kwakuni ne chulet ki-ma(ka)-k sejse umit-chichin wan sejse i-(y)ujmin-chichin wan k-ili-k: “mi pal kwak taja ti-k-neki taj-tan-ilia tey ne taja ti-k-neki: wan se n(e) i-(y)umiu-chichin ti-k-ida-s yu-weli tpatani nusan*

O ancião lhe presenteou com todos os ossinhos e todas as penas dos animais e recomendou-lhe: “quando quiseres, podes solicitar teus desejos. Notarás que com uma só pena poderás voar”

Fragmentos de MITOS NA LÍNGUA MATERNA DOS PIPILES DE IZALCO EM EL SALVADOR<sup>1</sup> Dr. Leonhard Schultze-Jena. Tradução de Dr. Rafael Lara Martínez.

---

*Em janeiro de 1932, milhares de índios foram massacrados pelas mãos do exército salvadorenho, tornando-se assim um dos maiores etnocídios da América Latina.*

---

<sup>1</sup> Tradução livre minha de livro intitulado “Mitos en la lengua materna de los pipiles de Izalco en El Salvador” (N. do T).

Nota do autor: Na língua nahuatl pipil, falada na parte ocidental de El Salvador, a palavra *Umit* significa “osso”. Para o Dr. Rafael Lara Martínez, o homem que me ensinou a falar com os mortos, tal palavra pode interpretar-se como um difrasismo<sup>2</sup> de regeneração vital.

---

2 Segundo Mercedes Montes de Oca Vega (1997, p. 31): “Em diversos textos, escritos em língua náhuatl no século XVI, encontramos certas formas linguísticas que possuem contextos discursivos definidos. Essas formas foram denominadas de diversas maneiras: metáforas, binômios, difrasismos, frases aparelhadas. O nome ‘difrasismo’ se deve ao padre Ángel Ma Garibay, um dos primeiros estudiosos da língua e cultura náhuatl do México. A sua característica essencial é a justaposição de dois ou três lexemas cujo significado não se constrói através da soma de suas partes, remetendo a um terceiro significado”. (Montes de Oca Vega, M. (1997). “Los disfrasis en el náhuatl, un problema de traducción o de conceptualización”, *Amerindia*, nº. 22). (N. do T.).

## SE [I]

Tudo começa amando-se a madrugada  
Amendo o canto dos galos que procuram seu nome de lua  
Tudo começa com a ternura das flores e de suas pétalas de sangue  
Tudo, absolutamente tudo, começa amando-se a saliva  
Porque é de saliva e barro que somos  
Somos a cabaça e o destino da terra  
Tudo, absolutamente tudo, começa com a tibiez do dia  
Com o sorriso quente de todos os astros: o nascimento do pai e  
o do fogo.

Eu  
que sou saliva e barro, planta e ternura  
entendo que somos tragados pela luz e pelo dia.  
Mas também, meu irmão, somos da noite  
da escuridão e a lua: a mãe  
Tudo começa com o sorriso da cabaça e da raiz  
Na prece de sangue cantamos  
Tudo começa na terra e no suor  
Na semente que nasce na palma da mão  
Tudo começa com o sorriso noturno do delírio  
E não  
não calaremos a loucura nem a morte  
Nem mesmo o disparo que destroçou os ossos da terra  
esses ossos que nasceram como pedras  
Tudo começa, assim, com a ternura entre as mãos e com o ódio  
entre os dentes  
Tudo começa, meus irmãos, com o sonho dos pássaros e o seu  
grito de sangue

## UME [II]

O sangue da terra é nosso  
nele estamos despejando a agonia de todos os ossos  
Isso, amigos; o sangue que se derrama  
é a palavra que começa a ser fecundada por neblinas.  
Já não sabemos nada da terra  
não sabemos nada do frescor e da sombra que nos espreita  
Agora, eu, que alinhavo o fio de sangue  
e que junto todos os crânios entre minhas mãos:  
Amasso a terra e digo todos os nomes em nome do sangue  
em nome dos perdidos e esquecidos  
em nome de minha mãe que alimenta com seus ossos os milharais  
em nome de meu pai que arrasta as mil sentenças da terra sobre  
sua atormentada pele repleta de rugas.  
Eu, lembro dos nomes da terra: pai e mãe amarrados pelos ossos  
lembro-me dessa terra desolada em que despencam os nomes  
do sangue  
os nomes da carne que a alimentam  
Esta terra que habito com a angústia de uma criança a esmo  
desse mesmo lugar eu falo  
com toda minha voz habitada de sangue...



## YEY[III]

Eu sou o pai daquele que fala.  
Hoje me arrancam da terra com as unhas ensanguentadas de nada  
Eu sou o pai  
a velharia de ossos que guarda um delírio de sangue  
Eu  
me nego a morrer cruzando os braços de tristeza  
Eu sou o punho e o grito  
porque luto até nas reentrâncias da pedra  
Tenho as forças no sangue que me ferve como um cavalo perdido  
Respiro  
e encontro em minhas mãos os ossos dos meus avós  
Respiro  
e vou insinuando sobre a amargura de meus anos  
porque em mim habitam todas as ânsias da primeira colheita  
da saliva do pai de meu pai  
e da mãe de minha mãe  
porque todos eles me habitam como uma corrente de ossos que  
me detêm para que eu não caia  
Por isso  
Adiro-me ao teu aroma agreste surpreendido pela chuva  
Adiro-me à estranha sorte que nos convida ao delírio  
Não me rendo  
Não caio  
Sustentam-me teus ossos  
E empunho em minhas mãos o umbigo de minha família  
A trançada ternura de todos os meus filhos  
Isso não me tomarão  
Nem por meio de bofetes, nem por meio de mentiras  
Nem por meio de mil papéis assinados por todos os tiranos  
Não poderão levar a terra

Não poderão levar minha casa  
porque minha casa não é apenas minha casa  
porque ela é habitada por todos os nomes que o sangue colhe  
de nós  
e ao perdê-la, perderei qualquer laço que me ata aos anos  
perderei as carícias rabiscadas por meus filhos  
e perderei os conselhos do meu pai.  
A terra não se pode perder  
porque então se perderiam o sustento e a saliva  
Perderia minha língua e minha voz  
Ou melhor: perderia o grito do sangue  
E então, que sentido teria resistir?  
Ficaria mudo como a pedra  
Seria habitado por todos os vazios  
ninguém me veria pondo um fim nos nomes do sangue  
Por isso, eu resisto a golpes  
Eu resisto comovido pelo pó e pelos astros  
e a partir deste momento, não encontrarei sossego.  
Eu sou o pai daquele que fala e não podem arrancar a terra de mim  
porque a tenho incrustada em cada ferida do meu rosto  
porque têm sido as mãos de pó o que me sustenta  
e isso, senhores, só se interrompe com a morte.  
Eu sou o pai daquele que fala e não podem arrancar a terra de mim  
porque a terra é a carne  
porque a terra é o osso  
porque a terra é o punho  
porque a terra é o sangue  
porque eu sou a terra

## NAHUI [IV]

Meus cantos contêm todos os murmúrios dos pássaros  
com eles vou agasalhando o sonho de todos os meninos  
Dormem, e não conhecem o delírio do sangue  
porque dormem em meu saíote e suas cabeças são como uma lua  
sangrada que nos segue

Com meus cantos vai entrançada nossa história  
vão construindo-se como imagens de água e luz

E aí aparecem todos mortos que eu amei

Os seres dos ventos e da neblina

A canção dos mortos perdidos

Os mistérios do berço para fazerem dormir os bebês

O início dos homens na saliva das cabaceiras

As torrenciais palavras da chuva.

Do meu canto sai a saliva e o sangue junto ao assovio e meus  
filhos caem dentro da voz adormecida

eu os suspendo com meus dentes de mel para que não lhes roguem  
mil pragas

eu os aperto entre as mãos para que não se dispersem dentro do  
nada.

Às vezes perdem-se entre minhas coroas de fumaça  
como meninos náuatles que brincam no acinzentar da noite

Em meu canto há o grito e o tempo

A história dos meus mortos furtivos

Juntinhos todos, osso a osso, para se darem calor

para não esquecerem as palpitações dos anos.

Por isso minha voz soletra a história de meu sangue  
que é a história da ruga sobre a testa

Jaz em minha garganta o pó aprazível da terra e minha voz também  
é deles, porque minha voz também é berço

É berço e fumaça entre as mãos.

Às vezes, só consigo soletrar seus poucos anos acesos entre meus dentes  
e aí vão caindo, um a um, como um futuro alimentado por minha voz  
e aí vão crescendo com todas as confabulações da vida tomando da terra o sangue e o osso.  
Eu, por isso, os acostumo com o canto das árvores  
as tonadas tristes de seus galhos quebrados  
canto-lhes as histórias dos pais dos meus pais e o sussurro dos milharais  
canto-lhes para acender neles a luz dos dias  
e explico a eles os segredos das mariposas.  
Eu canto com esta voz adormecida e vou-me acostumando a cingir-me à dobra de suas falanges antes de que me alcance a morte  
porque meu corpo começa a acomodar-se aos ossos  
e minhas mãos vão se acostumando ao silêncio  
porque minha vida já vai se apagando  
e essa carne já não é minha  
e meu sangue já está se acabando.  
Mas ainda assim, quero morrer cantando para eles  
Vou cantando para ficar preso entre seus braços  
para que não sintam medo quando lhes surpreenda a morte  
para que voltem todos juntinhos ao regaço  
para que voltem e descansem entre minhas mãos  
para que possam se lembrar da ternura  
para que possam encontrar a calma  
para que retornem ao lugar onde está sua avó

## MAKUIL [V]

Os pássaros começam a cruzar os céus e em seu bico levam o presságio do sangue.

Começa, então, a sonata do sangue e da morte.

Todas as árvores vão perdendo as cascas

Todas as tempestades de palavras vão se alvoroçando

Porque juntos começaram a se quebrar todos os sonhos dos ramos e já não abraçam ao nada.

O céu cacarejou com um sorriso vermelho e me pergunto:

Qual é a agonia que agora se inventa?

Por qual lugar começarão a nos procurar, e se a alma se desertar?

Qual será a placa que comemorará todos os nomes?

Já não seremos a pena, nem o ar.

O voo dos pássaros proclama a ferida,

será imensa, será aberta,

e terá o oco de todos os nomes.

Vão cruzando o céu 400 pássaros em seu voo agônico

porque se ouviu o golpe da terra, reivindicando seus ossos.

Os pássaros começam a cruzar os céus e em seu bico levam o presságio do sangue.

O céu começou a fraturar-se sob suas asas

Ai, quantas tempestades começam a romper tuas asas!

Ai, quantas tumbas virão chamando teu nome!

## CHIKUASEN [VI]

A partir de agora começo a falar a língua do fogo.  
Inundam-me a cabeça os mil golpes do ruído  
falo do começo da morte – a que dança dentro duma redoma de  
vidro –  
Vêm os gritos e os choros  
Vem a boca e estica-se o bocejo  
Uma língua estranha me profere mil vozes  
Quem me contará sobre o sigilo do cervo?  
- há um animal que está perdendo a ternura –  
A terra mastigará os ossos de meu irmão  
Fala-me, irmão  
Fala-me, fogo  
Fala-me das mil mudanças do tempo  
Fala-me do murro e do sangue que se aproxima  
porque encontraremos o tamanho da demência ao lado desses  
ossos  
Absorveremos as preces de cinzas para espantar esses mortos  
Falo do fogo e do sangue  
Fala-me, irmão  
Fala-me, fogo:  
*Começarão a ferir a tarde em nome dos pássaros  
Qual é o osso da asa? Qual é o ninho?  
Escondidos entre as pedras uma mão empunhará o sangue.  
Será hora de fugir.  
O medo tremerá como menino pego no flagra.  
Sem sangue estarão os olhos nos vazios da mão.  
É o vovô esse que te fala agora de 35000 telas da carne.  
Vejo os restos que ficarão em meio à fumaça  
Descerão pelas ruas como um rio de pedra  
Machado e golpe desassossegarão os rastros do delírio*

De quem é essa mão que se fratura?  
De quem é esse pé submerso no lodo?  
Quem é o morto que em sonho vejo pendurado numa árvore?  
Manteremos as mãos empunhadas?  
Nossos passos saltarão os canaviais para encontrar repouso.  
Agora que o pássaro canta para mim com o sangue  
Entendo os rituais do fogo e sua língua  
Que comece a música do tambor abatido.  
Há um espírito que nos anima contra a morte...  
Começarão as canções do sangue...

## CHIKUME [ VII ]

À beira do caminho há um homem de chapéu que fala a língua  
das balas  
É uma língua diferente da nossa  
- A língua do fogo e da cinza –  
Ele nos fala da tempestade dos cavalos  
da selvageria que leva atormentada em seu peito  
Nós vemos o homem e vemos que suas mãos tecem com linha  
vermelha os nossos passos  
Diz que são passos de pedra e soco  
Ele nos fala das marteladas sobre nossas mãos  
Diz que nossas mãos estão sangrando por causa da tempestade  
dos anos  
Fala muito, e pausadamente  
Diz que também sente as palpitações da terra  
Que chora ao nosso lado a lonjura do sangue  
Ele nos alenta em relação à injúria dos asnos  
De sua boca saem mil palavras de fumaça  
Mas não mede a imensidade dos astros  
Recolhe com suas mãos o endurecimento da árvore  
E as levanta como se as oferecesse ao sol  
E as alça com a vingança dos mares  
Levanta as mãos para bloquear o aturdido soco que nos fere  
E nessa eclipse cabemos todos nós  
35000 cantos brilhando com a algaravia dos pássaros  
Incendeia a voz de todos nós, convenceu-nos com o calor das  
lágrimas  
Em sua voz e bem junto a nós os vulcões iniciaram a tempestade...



## CHIKUEY [VIII]

Alguém nos invoca a fio de machado e oferece nossa carne como um sacrifício.

É a hora do sangue no sacrifício da pedra

Alguém nos diz que a força vem dos ossos e em memória deles, que são o sêmen das plantas, alguém tem que morrer

Alguém fala a lâmina de outras línguas

corta as palavras à estatura das sombras

alguém nos diz que somos o sangue

nos diz que somos o golpe

Alguém nos invoca ao grito da terra, ao sacrifício.

Nós

que estamos cansados da palpitação dos golpes

Nós

que estamos abertos nas partes de dentro, na memória que nos faz dessangrar, dizemos:

que nosso sangue vá em nome de todos os males

que nossa carne vá em nome de toda a terra

que o coração cheio de saliva também vá

que já não caiba o medo no oco das mãos

que o grito da mãe se liberte entre todos os milharais

que os pássaros chorem todo o sangue

que as mãos se juntem como uma bandeira

porque nós, os herdeiros do osso e da espinha,

iremos vertendo a semente do sangue em todos os alvares da morte...

## CHIKNAWI [IX]

Eu reuni o sangue em minhas mãos para delinear o mapa de  
minha terra.

Compus com todos meus ossos a memória de um país cujo  
desenho se desfaz

Só soube empunhar a cólera para lançar-me à morte

*Finch!* Soava o gume contra o gume de meu osso

E eu só observava caírem os corpos como pedacinhos de pedra

E eu corria como se quisesse empunhar o vento

E *finch!* soavam os flancos que cortavam a carne

E eu só observava correrem os *riozins*<sup>3</sup> de sangue adornando com  
figuras as ruas

Eu reunia o sangue dos meus mortos para empapar-me de  
memória

Para não esquecer onde é-que-tinham<sup>4</sup> caído

Mas de repente, senhor, eu era um punho de sangue que corria  
entre os pedregulhos

E soube que os mortos estavam por todos os lados.

Uns dizem que a morte assusta mas isso é mentira

Eu nadava entre os ossos como uma sombra que não encontra  
o caminho

E *finch!* soavam os flancos como gritos estrelados

---

<sup>3</sup> No original, “*riyitos*”. Fenômeno próprio do espanhol salvadorenho, a partir do qual, especialmente na fala campesina, os diminutivos se modificam. Em vez de usar “*riozinho*”, optei por “*riozins*” para sugerir a diferenciação que se dá, no espanhol de El Salvador, relativa ao y epentético (N. do T.).

<sup>4</sup> No original, “*esquihabían*”. Fenômeno linguístico em que há junções de palavras e ascensões vocálicas. Preferi, em português, marcar essa diferenciação através do uso de “é-que-tinham” (N. do T.).

Eu nadava entre as mãos mortas e apertava minhas pálpebras para não encontrar o medo.

Dançavam todas as pedras a fim de me soletrar o contra-fio e não me encontravam

Eu, com o corvo entre as mãos, proclamava a morte

E *finch!* se partia a carne

E *finch!* se vingava o sangue

Porque eu me aferrava ao sangue

Porque eu me aferrava à mãe que com sua morte adornava de mel os cafezais...

## MAJTAKTI [X]

Eu retomei o golpe com minhas próprias mãos  
Eu estava cansado de correr atrás da angústia  
Eu estava cansado da história do maltrato  
Com minhas mãos retomei o maltrato de toda a carne  
Em minhas mãos tive a tempestade de todos os vulcões  
Aproximei-me do sangue como um abismo que se prolongava  
Ofereci meus ossos à toda memória  
Porque eu era isso: memória e golpe  
Eu era então o espelho desmemoriado do injusto  
Por isso em minhas mãos estavam os golpes de todos os anos  
Por isso golpeei como se golpeia a história  
Por isso gritei com meu coração inebriado  
Porque com o passar dos anos nós éramos uma ferida que soletrava  
todos os infortúnios  
Porque com o passar dos anos nós habitávamos o vazio  
Porque nossa história era a ardente mordida do desterro  
e isso já era não se atar aos laços do sangue  
e isso era ser decifrado em lágrima  
por isso eu retomei o golpe e o sangue  
por isso eu reparti a morte de forma exata  
para que o sangue fosse costurando todas as feridas  
para deter a angústia de todos os pássaros  
para vingar-me do esquecimento  
para ir fechando os olhos dos mortos que não choramos...

## MAJTAKTI SE [ XI ]

Eles apareceram atirando em toda carne  
- E ali caiu o meu pai –  
Eles apareceram reprimindo o sangue  
Atirando no tumulto das mãos  
Nós nos defendíamos com o gume dos ossos  
Espargimos todo o sangue sobre a paisagem  
Eles começaram a desenhar o caminho da pólvora  
- Ali foi o meu irmão que caiu –  
E assim começaram a desfilar os mortos ao barulho dos tiros  
E assim nós todos fomos compreendendo a morte  
Junto ao disparo de suas mãos, tudo ia se desmoronando  
- E minha mãe caiu –  
E caíram todas as tempestades do sangue  
Nunca soubemos de onde vinham os tiros  
Nunca chegamos a entender a imensidade do afogamento  
Só caíamos  
Caíamos como gota e cinza  
Caíamos entre as mãos da terra  
Caíamos e apertávamos as longínquas mãos das árvores.  
Juro-lhes que nunca soubemos de onde vinham os tiros  
Apenas caíamos  
Apenas caíamos  
Apenas caíamos  
Até que tudo se tornou silêncio...

## MAJTAKTI UME [XII]

Foi enforcado o homem que se alimenta das árvores  
Foi enforcado  
E agora inicia com sua morte a desmemória de todos os nomes  
E agora vai desfazendo com sua morte a língua do fogo e dos pássaros  
Foi enforcado  
E a ele estão pendurados 4000 ossos  
Ou são 5000 tremores?  
Ou são 15000 tempestades de agonia?  
Até agora ninguém pode soletrar a paisagem da morte  
Só se sabe que alguém está requerendo 35000 gritos contra o cansaço  
Porque foi enforcado o homem  
E nele se penduram todas as mortes dos espantos  
Foi enforcado  
E a seus pés há um rio de cadáveres que reivindicam o sangue  
Há uma cartografia do sangue que desce em direção à terra  
E todos proclamam os ossos  
E todos sacrificam os pássaros  
O homem foi enforcado  
E em seus olhos pululam os defuntos  
E o pai do sangue já não interpreta a cinza porque em sua litania de fogo um osso se desvanece  
Foi enforcado  
E só existe o assombro dos signos  
A tristeza de suas mãos em busca da queda  
O sangue pisado das paisagens turvas  
A essa altura, quem é que lavará o sangue desses corpos?  
Qual será o hino cego que vai reconstruir sua memória?  
Há alguém que entende a língua dos mortos?

Enforcada também: a prece pálida da terra  
E as filhas desoladas trançam o milho em nome do pai  
Ai, morto!  
Quem contempla o frio de seus lábios?  
Ai, morto!  
Tua ossatura pendendo é um chamado para apagar o sangue  
Ai, morto!  
O delírio do pó vai entrando pelas casas de um povo que já  
dessangrou  
Do povo que se tornou opaco por causa de uma morte cega  
Ai, morto!  
Por acaso não vês a lágrima derramada pelas ruas?  
Por acaso não vês a contagem de mortos que não têm nome?  
A contagem do sangue que não tem memória?  
E ninguém diz

Ama

Tepas

Chile

Masin

Pashaca

Quilizapa

Ai, morto!  
Morto de todos os tempos  
A pressão se desborda sobre teus ombros para sustentar a memória  
a partir da morte  
Foi enforcado!  
E a voz dilatada que está ante ele não compreende o sangue  
Não compreende a história dos nós sobre a terra  
Porque desde o início ignorou a história da saliva  
Foi enforcado!  
E alguém se pergunta pelo oco de seus olhos  
Pelo calvário das veias que não acharam o caminho  
Foi enforcado!  
A rigidez do braço começa a ditar a história

A história que se criou sobre a morte  
O cinismo das vozes mornas pelo murmúrio dos astros  
Enforcado foi o homem!  
O corpo que já não inventa o suspiro  
A mão que já não empina bandeira porque se tornou muda  
Enforcado foi o homem!  
O homem que se soletrou no poema  
O homem que invoca o sangue  
Foi enforcado!  
E ninguém entende a geografia do sangue  
Ninguém entende o calvário dos ossos  
Ninguém entende a língua dos pais  
Ninguém entende o sussurro da pedra  
Ninguém entende o canto dos pássaros  
E nós, gente de olhos d'água,  
Gente do osso fendido na memória  
Reinventamos a história da morte

Porque daqui abatemos as tumbas em busca dos nomes  
Porque nós, daqui desse lugar,  
Tentamos compreender a cartografia das mãos  
E todos nós  
Oitentaetantos ossos depois continuamos invocando o delírio  
do sangue...



## MAJTAKTI YEY [XIII]

E nós, os que agora falamos, nomeamos de mãe o sangue que brota da terra  
Porque enche de vida todos os astros  
Porque compreendemos o calor do oco que vai deixando a chaga em nossas mãos  
E digo nós porque somos 35000 espasmos agitados contra o vento  
E falamos daqui mesmo, onde a língua sangra para que se rompa o silêncio  
E não somos pedras, nem pássaros, nem a metáfora morta que escuta todas as vozes,  
Somos sangue  
E por sangue queremos dizer todos os ossos perdidos  
Ai, meu amor! Se eu te contasse que levamos entrançados todos os dedos que um dia amarraram e jogaram no fundo da memória  
Aí, onde ninguém pergunta pelo barro e pelo sangue  
Por isso falamos  
Porque não somos silêncio  
E daqui mesmo imploramos à carne e ao osso  
Porque não somos corpos mortos  
Somos memória e sangue e novamente dizemos sangue  
Porque vamos além da vida e da ternura  
Estamos largados sobre todos os rostos deste país que nos inunda  
Ai, amigos da palavra adormecida!  
Armamos uma melodia que diga nosso nome  
E abraçamos à distância todos os regaços das mães  
Evadimo-nos das atônitas brumas que querem nos comer com o esquecimento  
E nos deixar aí, como um fogo que se apaga  
E sobre o qual já não chega nenhum suspiro.  
Mas vocês não se dão conta de que nascemos no canto do galo

Esse canto que tritura em mil pedaços as manhãs  
E não, não é a súplica de um sangue que arranha  
Mas a luz de uns lábios que pronunciam a abominação da memória.  
Porque aqui, onde a língua é uma sombra imensa,  
Não se achega a palavra justiça

Nem *povo*

Nem *raça*

Nem *paz*

E resistimos, para calar-nos 35000 vezes sobre esta terra que nos  
abriga.

Aqui embaixo, vamos curando as feridas que um dia deixaram  
os pássaros

E que vão pesando com o passar dos anos

Por isso somos incessantes

E desfilamos agarrados aos ossos

Porque nos negamos a ser cicatriz e agonia

Já estamos cansados do peso e do esquecimento

Abrimos, assim, todas as mãos para segurar a graça

Para escavar na morte que está nos cegando

Para rescrever com nossa voz todo o sangue

Para que os nomes se dilatam no esquecimento

Ai, meu amor, se eu te contasse o peso do esquecimento!

Se eu te contasse a imensidão que vai criando a palavra

O oco em que nos afogaram

Alguns disseram que fomos o machado e o punho

Outros disseram que fomos um número inflado

Inflado como o globo ocular dos peixes eternos.

E nos encontramos aí, na emboscada que o poder lhes prepara

Mas não deem atenção aos lábios que cospem a cinza

Porque eles não sabem da memória, da morte e do esquecimento.

Ai, meu amor!, se um dia quem sabe te perguntam sobre a cabaça  
e a saliva

Fala sobre nós, porque é falar da vida e da morte

Porque nós cabemos em todas as palavras, somos memória.

Somos os astros tristes que rompem a rotina dos dias  
O sangue que vai correndo pela ruga da testa  
Por isso enxuga-nos com a mão aberta  
Para que nos sintamos presos à umidade do corpo  
Para sentir que somos líquido e tempestade  
E não o silêncio  
E não o nada  
E não o esquecimento  
Por isso te digo que nós que agora falamos  
Sabemos as combinações que dos nossos nomes se fazem  
Somos, assim, a língua afiada que ninguém deseja dentro da boca  
O colar de dentes que tece o sorriso da América  
Nós que agora falamos  
Somos quebra-cabeças de ossos a fim de construir a história  
E aqui vamos ficando cada vez mais inquietos ante a morte  
Porque 35000 vezes resistimos, há muitos anos  
Porque ainda que atrás da morte haja uma máscara  
Estamos empenhados em encontrar a justiça  
E pensamos em todas as histórias que se escreveram com as pedras  
Todos os poemas que falaram do pássaro e da pedra  
Todas as bocas que buscaram um nome e nós tão desnudos aqui  
tão desnudos que não chegamos a achar nem a graça nem a palavra  
Tão abandonados com a carne putrefeita e com a ferida  
Nós aqui com a voz agônica invocando a justiça  
Cerrando os punhos à hora do sossego  
Nós que agora falamos  
Somos a dívida da memória  
A reinvenção de uma paisagem triste e desolada  
A nudez do quadro costumbrista  
A natureza morta com vulcões e lava  
A temerária morte dos comunistas  
A saudade do passado  
O souvenir do turista  
A fotografia do mercado

Nós que agora falamos

Somos o sangue

Somos o osso

Somos os cadáveres

Somos a memória

Somos a terra

Somos a carne

Portanto nós, estes que agora falam, somos o ruído deste país que  
não conhece as flores

Um país que tem uma ferida aberta onde supuram todos os nomes  
de 1932.